

A hipermodernidade como paroxismo da modernidade: Algumas considerações sobre o sofrimento psíquico a partir da psicanálise

Deborah Lima Klajnman*
Maico Costa**

Resumo

Diante da especificidade das queixas que se endereçam aos analistas, acreditamos ser necessária e de grande importância uma reflexão teórica acerca do tema “o sofrimento psíquico contemporâneo sob o ponto de vista da psicanálise”. Possuímos como objetivo neste artigo construir algumas teorizações sobre os impasses psíquicos contemporâneos. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica, com base na conceituação filosófica de “Hipermodernidade”, a partir de textos da obra de Freud e do ensino de Lacan que foram cotejados em paralelo com algumas produções de outros psicanalistas. Assim sendo, entendemos que o mundo contemporâneo radicaliza os traços da sociedade moderna.

Palavras-chave: SOFRIMENTO PSÍQUICO; HIPERMODERNIDADE; FREUD; LACAN; SUBJETIVIDADE.

Hypermodernity as the paroxysm of modernity: Some considerations on psychic suffering through psychoanalysis

Abstract

Given the specificity of the complaints that are addressed to analysts, we believe that a theoretical reflection on the theme "contemporary psychological suffering from the point of view of psychoanalysis" is necessary and of great importance. Our objective in this article is to construct some theorizations about contemporary psychic impasses. This is a work of bibliographic review, based on the philosophical conceptualization of "Hypermodernity", from texts of Freud's work and Lacan's teaching which were compared in parallel with some productions of other psychoanalysts. Thus, we understand that the contemporary world radicalizes the traces of modern society.

Keywords: PSYCHIC SUFFERING; HYPERMODERNITY; FREUD; LACAN; SUBJECTIVITY.

L’hypermodernité comme paroxysme de la modernité : Quelques considérations sur la souffrance psychique à travers la psychanalyse

Résumé

Face à la spécificité des plaintes qui s'adressent aux analystes, nous estimons nécessaire et d'une grande importance une réflexion théorique sur le thème "la souffrance psychique

*Psicanalista. Professora da Faculdade Nove de Julho
<https://orcid.org/0000-0002-2429-5582>
E-mail: deborah.kla@gmail.com

**Psicanalista. Professor da Faculdade Nove de Julho
<https://orcid.org/0000-0001-6540-774X>
E-mail: maicofernandodd@yahoo.com.br

contemporânea sob o ponto de vista da psicanálise". Nosso objetivo neste artigo é de construir algumas teorias sobre as impasses psíquicos contemporâneos. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica, baseado na conceptualização filosófica de "Hipermodernidade", a partir de textos da obra de Freud e do ensino de Lacan que foram comparados em paralelo com certas produções de outros psicanalistas. Assim, compreendemos que o mundo contemporâneo radicaliza as marcas da sociedade moderna.

Mots-clés : SOUFFRANCE PSYCHIQUE ; HYPERMODERNITÉ ; FREUD ; LACAN ; SUBJECTIVITÉ.

INTRODUÇÃO

É considerável o número de demandas, expressas pelos sujeitos em seus sofrimentos psíquicos, que se precipitam nas instituições e nos consultórios clínicos e que são estruturalmente constituídas de forma homóloga à estrutura social dominante. São pessoas que expressam sintomas com traços particulares ao período histórico que vivemos, comunicam os seus impasses relacionados à imagem do corpo, vivenciam intensamente relacionamentos virtuais que foram iniciados pela internet, referem intensas dificuldades em suportar a falta do outro e a perda do objeto. Diante da especificidade dessas queixas que se endereçam aos analistas, acreditamos ser necessária e de grande importância uma reflexão teórica acerca do tema "o sofrimento psíquico contemporâneo sob o ponto de vista da psicanálise".



Orientados pela Psicanálise de Freud e Lacan, visamos com este ensaio construir teorias preliminares a respeito dos impasses psíquicos contemporâneos. O estudo teve um caráter de revisão bibliográfica, por meio da qual escolhemos textos da obra freudiana e do ensino lacaniano cotejados em paralelo com algumas produções reflexivas de psicanalistas que também escreveram sobre o tema deste artigo. Como forma de expor a nossa base de compreensão lógica temporal em relação à sociedade e aos fenômenos da vida humana em geral, recorreremos a autores da filosofia contemporânea.

O contemporâneo e as especificidades de nossa época: Pós-modernidade ou Hipermodernidade?

Para abordar a temática dos sintomas contemporâneos partamos inicialmente de dois pontos: do *primeiro* realizamos, a partir de Lipovetsky (2004) e Agamben (2001; 2009), uma breve leitura sobre o mundo atual em que vivemos, assim como de suas marcas e efeitos, e do *segundo* reservamos uma investigação sobre os efeitos psíquicos das "subjetividades de nosso tempo".

Neste primeiro ponto, alguns operadores conceituais de Giorgio Agamben e de Gilles Lipovetsky nos orientaram. O primeiro, parte do pressuposto foucaultiano relacionado ao conceito de biopoder, a noção de uma sociedade de controle, não mais disciplinar, expressa-se por um poder (subjetivado pelos sujeitos, inclusive pelos que por ele são oprimidos) que está disseminado por todos os lados e toma o próprio corpo, submetendo-o (Agamben, 2004).

O postulado é que se quisermos demarcar a especificidade de nossa época e de sua violência particular, devemos abandonar a ideia de totalitarismo como paradigma, ou definir um novo tipo de totalitarismo. O totalitarismo tal como elucidado por Hanna Arendt é delimitado pelos traços de um retrato dilacerante de apropriação e opressão totais exercidos sobre o sujeito, preservando desta relação uma exterioridade essencial do opressor. Agamben (2001) estabelece o mundo atual (a contemporaneidade) como uma forma de poder, enquanto uma alteridade que por ele se faz constituir. O filósofo italiano elege o campo de extermínio como espaço de observação deste tipo de alteridade em que impera a apropriação de todos os elementos constitutivos da esfera individual sem que se possa encontrar escape em nenhuma interioridade particular. Abandona-se o totalitarismo referenciado a um partido e a um líder, passando para um império do biopoder desorientado e estúpido. Enquanto o totalitarismo de Hitler e de Stalin possuíam em seu horizonte a destruição [anulação] total do sujeito, o Império estadunidense, por sua vez, é o paradigma deste outro modelo de totalitarismo, suspendendo a barreira da intimidade e exercendo seu domínio sem aboli-la (Vieira, 2004).

Neste sentido, para Agamben (2009), em seu plano singular ao nosso ver, o contemporâneo é aquele que “não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte sombria, a sua íntima obscuridade” (p. 63-64), é o que denota uma implicação com a escuridão de sua época e que não cessa, portanto, ativamente, de elucidá-la.

Para o filósofo francês Lipovetsky (2004), as sociedades são feitas de discursos e nossa atual sociedade possui algumas características particulares em torno disso: se durante muito tempo houve discursos que organizavam a vida dos homens como grandes ditos políticos essencialmente, aqueles da revolução, dos cristãos, dos nacionalistas, que, portanto, estabeleciam grandes famílias para as pessoas e permitiam a construção de identidades coletivas, por outro lado, há cerca de cinquenta, quarenta anos para cá, algo se colapsa. Estamos em uma época de inflação de imagens e ao mesmo tempo desprovidos de grandes discursos que nos guiem na interpretação global do mundo. As grandes narrativas acabaram desmoronando. Logo, possuímos uma espécie de falta de grandes discursos e ao mesmo tempo uma inflação de imagens.

Neste contexto, cabe-nos realizar uma reflexão sobre duas diferentes nomenclaturas que encontramos para se referir a nossa época, a saber, Pós-modernidade e Hipermodernidade. Abrimos este tensionamento reflexivo, pois levamos em conta que pensá-las é também considerar as diferentes perspectivas de análises. Desta forma, a escolha sobre como nomear a nossa época diz respeito em tomar uma posição teórica e ética. Como, portanto, denominar este tempo em que vivemos? A noção de Pós-modernidade, destacada por alguns autores, como por exemplo, Zygmunt Bauman (1998), pressupõe uma ruptura com a Modernidade e faz referência a um corte temporal que aponta para duas épocas distintas: a Modernidade e o que vem após ela. Neste viés, o tempo em que Freud criara a psicanálise seria marcadamente diferente daquele em que vivemos.

Já a indicação de Hipermodernidade realçada por Lipovetsky (2011), diferentemente, permite-nos compreender a realidade atual e o seu tempo como uma continuidade lógica da Era Moderna. Nesta compreensão, referimo-nos à época atual como sucessiva à época de Freud, tendo o seu início demarcado a partir das revoluções científicas do século XVI. Esta distinção entre os termos Pós-Modernidade e Hipermodernidade é relevante para averiguarmos se há diferença entre os nossos tempos em relação àqueles em que se deu a descoberta da Psicanálise. Entendemos que essa diferenciação nos possibilita realizar uma reflexão crítica que nos dê subsídios para considerar os efeitos psíquicos do modo de vida atual e assim, ponderar as direções do tratamento. Por isso, indagamos: na escuta clínica, os sofrimentos psíquicos aparecem da mesma forma daquelas encontradas nas histerias e neuroses obsessivas descritas por Freud ou podemos afirmar que existem formas distintas de sofrimentos atuais? Falamos em “novos sintomas” ou “novas expressões dos sintomas”?

Para nos posicionarmos frente a esta questão consideramos que estamos em consonância com o termo proposto por Lipovetsky, baseando-se na seguinte constatação: a lógica dos modos de produção, assim como a relação entre o homem e a mercadoria (que estava posta antes mesmo da dita “Pós-modernidade”), alcança o nosso período histórico em sua exponencialidade. Em outras palavras, esta locução traz em seu seio uma descontinuidade que realça a crítica contundente ao capital feita por Marx (1890/2013). Consequentemente, desta linha de análise, podemos salientar que, se há uma distinção entre a época freudiana e a nossa, ela se dá não incitada por diferentes lógicas estruturantes, mas por um acirramento da subjetividade instaurada pelo capital, produzida no contemporâneo em uma valência mais intensa; e como tal, não por acaso, reiteramos nossa concordância com Lipovetsky em nomear tal período como hipermodernidade.

Com as revoluções tecnológicas, consolidadas por meio da utilização das máquinas no lugar dos seres humanos e dos grandes experimentos científicos, que os violentavam impulsionados pela doutrina nazista, essa época é intensificada por meio da segunda guerra mundial. Em suma: se por um lado não há, a rigor, uma ruptura entre a sociedade moderna e o mundo contemporâneo; por outro lado, fica evidenciado que o segundo radicaliza as consequências do primeiro. À vista disso, considerando que a hipermodernidade é o paroxismo da modernidade, cabe-nos investigar um pouco sobre os seus efeitos nas subjetividades dos sujeitos.

Efeitos subjetivos da Hipermodernidade

Para pensar sobre as consequências psíquicas da radicalização da Modernidade, acreditamos que a Psicanálise também possa ter algo a dizer sobre este tempo: a hipermodernidade. Tal como Freud (1913 [1912-13]/1996a; 1930 [1929]/1996b; 1921/2020) que se mostra interessado pela subjetividade da sua época através de seus textos ditos sociológicos, Lacan (1978; 1969-1970/1992; 1966/1998a; 1970/2003a; 1974/2003b; 1968-1969/2008a) segue o mesmo percurso, orientando-nos nesta análise e viabilizando uma compreensão das consequências psíquicas de nosso tempo na medida em que desvela o sujeito enquanto submetido à imperativos pulsionais de uma sociedade marcada pelo discurso científico, pelo individualismo e pelo capitalismo.

Para Costa-Rosa (2014), cumpre sustentarmos a pertinência de defender a tese de que a contar do tempo histórico nomeado como hipermodernidade, confirmamos a presença de alterações radicais nos processos de subjetivação da realidade e constituição do sujeito. A hipermodernidade se caracterizaria por um conjunto de modificações provocadas pelo modo de produção do capital no âmbito das formações sociais e formações inconscientes.

É de concordância entre as produções teóricas dos analistas estudados a importância de levarmos em consideração a particularidade do nosso período histórico, bem como o apogeu da ciência moderna. Os autores admitem os impactos do mundo contemporâneo na realidade psíquica, convidando-nos a refletir sobre a práxis psicanalítica, ao ponto de a situar diante das demandas de “cura” do mal-estar que chegam às instituições e aos nossos consultórios (Kallas, 2016; Santos, 2019; Gomez; Chatelard, 2020).

Lacan (1966/1998a) é enfático ao demarcar o advento da ciência moderna enquanto exigente da presença de uma nova forma do sujeito estar no mundo. O Cogito cartesiano é



fundamental nesta análise, uma vez que possibilita elucidar a operação deste sujeito da ciência que, a um só tempo, nega toda representação de saber e estabelece no indivíduo do pensamento científico um posicionamento de certeza. É nesse panorama que o ser humano da modernidade se encontra personificado em um “indivíduo” (o que não se diferencia na massa) que é fundado pela ciência, determinando-se pela negação radical do sujeito do inconsciente. Nesta perspectiva, podemos afirmar que a operação do saber científico foraclui o sujeito, já que só há sujeito cabível neste campo por intermédio de um esvaziamento do saber mediado e representado por ele.

É fundamental neste ponto fazermos uma diferenciação entre a ciência moderna identificada por Lacan (1966/1998a) como aquela disposta por uma produção de conhecimento que adota parâmetros metodológicos cunhados por Galileu e concebidos discursivamente por Descartes e a Ciência em tempos de hipermodernidade, datada do século XX até a atualidade; uma ciência que se apresenta despida de ideologia, supostamente neutra, a qual podemos nomear de tecnociência ou cientificismo (Alberti; Elia, 2008). Se, por um lado, a Psicanálise é, como sabemos, um tronco da ciência, entendendo que ela nasce do seu estabelecimento, por outro lado, ela não permanece neste mesmo campo, já que efetiva em seu “método” uma subversão, introduzida por uma Outra cena, a do inconsciente. A psicanálise resiste, portanto, ao tecnicismo, não compactuando com o capital, nem com a sua nova versão conhecida como neoliberalismo, diferentemente da ciência que, deixando as suas raízes e rigor epistemológicos de lado, desempenha um casamento efetivo com o capitalismo, conforme apontou Lacan (1968-1969/2008a).

A recusa do sujeito empreendida pela ciência se dá por meio de uma união exitosa, implicando em uma abolição da divisão do sujeito que possui como efeito um indivíduo eficiente para o modo de produção do capital, concebido por universalizações da vida humana e constituído por meio de um processo de segregação. Isto é, para seguir a universalização imposta pelo método científico, é preciso que haja uma junção entre sujeito e objeto (*sujeitobjeto*), retirando o espaço para a divisão, a falha ou a falta.

Ao mesmo tempo em que esta união possibilita eficiência da parte daquele que vende a sua força de trabalho, ela também fornece ao consumidor esperança em recuperar com o objeto (que ele consome) aquilo que se renunciara desde o início na entrada à cultura, conforme Freud (1930 [1929]/1996b) elucidou.

Os progressos científicos colocados ao serviço dos anseios ideológicos sociais tentam firmar e garantir formas punitivas e excludentes, estes mecanismos produzem efeitos na subjetividade contemporânea. Estamos diante de decorrências daquilo que recai do discurso científico sobre os sujeitos na atualidade, assim como sobre a “forma galopante de sua imissão em nosso mundo” (Lacan, 1966/1998a, p. 870).

Podemos notar a incidência dessa condição ilimitada da ciência que deslança em sua parceria com o capitalismo na cultura hipermoderna, cujo ordenamento se dá pela eliminação de barreiras para o mercado e a abolição de tudo em que resulte em limites a ele. Distintamente dos sujeitos escutados por Freud (1930 [1929]/1996b) que sofriam com os efeitos das interdições e dos limites ao gozo, em nossa época, a ideologia hegemônica capitalista propaga a ideia de que tudo é possível e de que é dispensável se defrontar com a falta. Posto isto, indagamos: quais efeitos psíquicos este modelo de economia e política dispõe para os sujeitos contemporâneos? No que concerne a teoria de Freud e Lacan, podemos falar sobre sintomas, fenômenos psíquicos e mal-estares relativos à nossa temporalidade ou se trata de novas versões de sofrimento não pensadas anteriormente por esses autores? Sem considerar que vamos necessariamente responder a estas perguntas, aproveitamos das aberturas que elas proporcionam para perspectivas de análises, as quais buscamos desdobrar.

Quais são as especificidades subjetivas que designamos ao sujeito hipermoderno?

Vejamos que os psicanalistas não consideram a relação do laço social com a subjetividade de sua época por questões antropológicas ou sociológicas, de outra forma, eles a compreendem para poderem se orientar na clínica e realizarem uma oferta psicanalítica à altura do seu tempo. Uma oferta psicanalítica que não seja necessariamente a mesma do período histórico de Freud, por exemplo, e que permita uma demanda de ter uma chance de aceder ao desejo, uma vez que ele é a única defesa contra o gozo. É por isso que afirmamos categoricamente: o psicanalista está preocupado pela historicidade social da qual faz parte, pois a sua prática é impactada pela devastação contemporânea, está no nó entre o individual e o coletivo.

Para seguirmos avançando na especificidade clínica da atualidade, tendo como horizonte as perguntas depreendidas, realizaremos uma breve investigação da concepção de sintoma em Freud (1917/1996c e 1926/1996d) e em Lacan (1953/1998b), na clínica dita estrutural. Para Freud (1926/1996d), destacamos o enredamento da pulsão na concepção de sintoma no que diz respeito aos dois tipos clínicos, neurose obsessiva e histeria, ambos criando obstáculos, às suas respectivas maneiras, a qualquer realização possível do desejo. Seguindo esta lógica, na neurose obsessiva, possuímos o sintoma como uma resposta a um desejo inatingível e uma satisfação da ordem do insuportável, expressando o confronto entre a defesa e a satisfação e combinando as duas formas de obter satisfação na própria defesa. Desta maneira, é a pulsão que se satisfaz no sintoma. Na histeria, a estratégia para que a satisfação não elimine o desejo se dá desejando um desejo insatisfeito; logo, a defesa é contra o desejo recalcado para que assim ele se mantenha, uma vez que é insuportável realizá-lo. O sintoma comparece, sendo assim, como formação substitutiva e a via de descarga possível, apresentando-se como defesa em oposição ao desejo recalcado.

Em Lacan (1953/1998b), inicialmente, o sintoma é enfatizado em sua dimensão simbólica, significante: um nó de significações passível a ser desfeito pela interpretação. Não obstante, a experiência clínica, desde Freud, aponta para a persistência do sintoma mesmo após sua interpretação, acenando para a limitação dos efeitos produzidos pela mesma. Seguindo essas indicações, Lacan (1975) estabelece que o sintoma não é regido apenas pela rede simbólica, é o que fala de um resto, ainda que depois do deciframento do que se encadeia nos significantes. Podemos compreender este resto, sublinhado por Freud (1900/1996e) desde o umbigo dos sonhos, retomado na interlocução com Marcel Ritter (Lacan, 1975) como *Unerkannt*, traduzido como um ponto *não-reconhecido*.[†]

Reconhecemos, neste resto indecifrável, uma relação com o que Lacan (1972-1973/2008b) dará o nome de gozo, passando a entender o sintoma não somente como uma mensagem codificada, mas também como uma forma de o sujeito organizar seu gozo. Por essa razão, por mais que tenha o seu sintoma decodificado pela interpretação, o sujeito não renuncia a ele. Freud (1926/1996d) demonstra que o neurótico, embora demande a cura, não a quer, aferrando-se ao gozo de seu sintoma.

Na experiência analítica, não basta isolar os significantes-mestres que definem o destino do sujeito; é preciso igualmente isolar os modos de gozo do sujeito em relação ao Outro. Há um saber inconsciente determinado pelo significante recalcado e há um saber de si como sujeito pulsional, abarcado pelo gozo. Nesse contexto, a psicanálise é uma práxis orientada para o núcleo do real e o papel do analista é permitir que a pulsão se presentifique na realidade do inconsciente. A interpretação não deve visar [tanto] o sentido, precisa estar voltada principalmente à redução dos significantes-mestres a seu não-senso, a seus modos de gozo. Se

[†] “(...) há um real pulsional unicamente na medida em que o real é o que na pulsão eu reduzi à função de furo (*trou*). Quer dizer, aquilo que faz com que a pulsão seja ligada aos orifícios corporais” (Lacan, 1975, livre tradução).

no primeiro momento do ensino de Lacan não havia lugar para o gozo no simbólico, num segundo momento, após se servir do estruturalismo, ele passa a se constituir como mortificado pelo significante.

Destarte, salientamos uma alteração dessa proposição em “O Seminário, livro 17”, quando Lacan (1969-1970/1992) atribui ao significante a sua dimensão de gozo. Esse momento de seu percurso teórico se acentua em “O Seminário, livro 20” (1972-1973/2008b), ponto em que Miller indica uma inversão de paradigma no ensino de Lacan. Em outras palavras, além do gozo do corpo, concebe-se o gozo da palavra, uma vez que “Aonde isso fala, isso goza” (1972-1973/2008b, p. 156). Tal passagem fundamenta a criação do termo *alíngua* (*lalangue*) para indicar a linguagem da qual goza o falasser, ao ter em conta a dimensão do gozo da fala, da linguagem e para além dela, de alíngua.

Essa tese é a que melhor convém à abordagem dos efeitos subjetivos da hipermodernidade, nos termos nomeados pelo filósofo Gilles Lipovetsky, visto que ela é consubstancial aos declínios do desejo de saber, da crença no inconsciente e da “suposição de saber feita ao real”. A concepção de “sintoma” esboçada quando Lacan (1969-1970/1992) mostra que a satisfação pulsional se estende aos objetos da cultura, e se apresenta mais claramente quando Lacan (1972-1973/2008b) formula que “o significante é a causa do gozo” (p. 36), terá repercussão na teoria do “sintoma”.

Essa virada só foi possível porque Lacan (1975) passou a conceber a língua como uma estrutura secundária ao que ele denominou de “alíngua”. A alíngua visa o gozo, isso que antecede ao significante, em contraste com a língua que visa a comunicação. O gozo enquanto lugar de privilégio em relação ao significante, já que, na tentativa de significantização do gozo, algo falha. É neste mesmo período do ensino de Lacan dois axiomas conhecidos, o primeiro, “a relação sexual não existe”, que se articula a outro axioma que se articula com o paradigma da não relação sexual é o conhecido “Não existe todas as mulheres”, entendido como simplesmente a negação da proposição mítica que postula a existência de um pai que possuiria todas as mulheres. Com isto, do axioma “Não existe a relação sexual” ressoa a ideia de que “Não existe todas as mulheres”. E é, desta afirmativa, “não existem todas”, que vai se escrever em seguida o “não toda” de uma mulher: cada uma sendo “não-toda”.

Podemos depreender dessas asserções as distinções entre o modo de gozo do masculino, todo fálico, e o do feminino, não todo fálico. O primeiro, funda um universal um tanto quanto precário, que é traduzido em Totem e Tabu (Freud, 1913 [1912-13]/1996a) pela dependência de uma exceção fundadora, o pai e seu assassinato, para constituir e sustentar o universo social (o “contrato” dos irmãos). Para Freud (1913 [1912-13]/1996a), portanto, não se trata de “toda regra tem exceção”, mas de “a exceção funda a regra (como universal)”. Lacan (1972-1973/2008b) inscreve essa demonstração freudiana no lado esquerdo de suas fórmulas da sexualização. Ela se lê como “havendo exceção há Todo” e situa o modo de junção entre saber e gozo tipicamente masculino. Já o lado direito, vinculado ao real do feminino e aparentemente no avesso do esquerdo, denota um gozo ligado à suspensão da exceção, realizando uma subversão lacaniana da lógica clássica.

No lugar de destacar que “não havendo exceção, não há Todo”, ele afirma “não havendo exceção há não todo”. O não todo surge em “O Aturdido” (Lacan, 1973/2003c) e aparece enquanto fórmula em “O Seminário, livro 20 - Mais, ainda” (Lacan, 1972/1973), sendo convocado para situar o universal do ponto de vista da experiência analítica. Lacan (1972-1973/2008b) assinala, por meio do mito freudiano inscrito em Totem e Tabu (Freud, 1912/1913), uma diferença em relação ao senso comum, partindo não do universal como um dado prévio, porém, decorrendo sua teorização de um algo a ser alcançado através do singular, da exceção. O modo de gozo feminino pode ser compreendido enquanto facilitador para a postulação de que o significante é gozo (Vieira, 2004).

Das afirmações sobre o gozo derivam importantes questionamentos sobre a prática analítica, em especial a prática com os sujeitos hipermodernos no que toca a particularização de seus modos de gozar, tal como se apresentam nestes sujeitos. No nosso ponto de vista, a clínica contemporânea é uma clínica que parece se conceber mais além da via do desejo, não abrindo espaço para a clínica do sujeito dividido. Nesta configuração, temos uma clínica do gozo e do sujeito não divisível, logo, do indivíduo que não deve falhar, aquele que serve tão bem ao capitalismo.

O sujeito contemporâneo é, sob este ângulo, um sujeito “desbussolado”, desde o instante que aquilo que Freud (1908/1996f) elucidou como moral civilizada foi dissolvido (Miller, 2004). É nesta perspectiva que podemos marcar, não uma ruptura entre uma época e a outra, por se tratarem de temporalidades que mantêm uma mesma lógica, porém, com uma diferença que a radicalidade da hipermodernidade traz: não há mais o Outro todo da modernidade, o que temos é um mundo não todo.

Tendo em vista a ausência de um Outro todo, consideremos a chuva de casos de compulsões alimentares (incluindo aí as anorexias, as bulimias e as obesidades), os casos diagnosticados pela medicina como depressões, as pessoas compelidas a consumir desenfreadamente, os adolescentes que se cortam, as experiências de escarificações, o aumento dos diversos estilos de autismo, as toxicomanias e as fobias. E, sobre esses sofrimentos subjetivos, o que todas essas “problemáticas” contemporâneas indicam para aquele que escuta e está orientado pela psicanálise? Assim como nos parece importante salvaguardar a especificidade de cada tipo de sintoma e de cada caso, é oportuno do mesmo modo perguntar: por que eles são considerados sintomas relativos à particularidade de nosso tempo? Ou seja, encontramos nestes arranjos psíquicos um denominador comum?

Segundo Costa-Rosa (2014) há de similar entre os variados impasses contemporâneos uma relação com a imagem do corpo e com o próprio corpo. A estrutura da realidade psíquica nestes fenômenos é chamada de “narcisos despedaçados” ou “narcisos hipermodernos”. Na sociedade em que impera a lei do mercado, há um enfraquecimento da potência Imaginária fundada no abatimento da Lei simbólica.

Por efeito, as figuras do sofrimento psíquico expressas nos gozos compulsivos, intensas angústias, fascínios da imagem, efêmeros vínculos amorosos, modificações, suplícios e mutilações corporais ostensivas, sinalizam estilos de regressão tópica dos sujeitos aos momentos iniciais do narcisismo como forma de tentarem equacionar os seus conflitos. Os efeitos-sujeito nas problemáticas dos “narcisos hipermodernos” operam para estabilizar a imagem-eu suportada na imagem-corpo, permanecendo inscritos pelos traços que respondem ao estilo narcisista. Poderem servir-se de seu próprio corpo é a sua marca característica (Costa-Rosa, 2014).

Colocada a discussão nestes termos, haveria algo que nos evidenciasse uma marca na insistente recusa do mal-estar, atestada pela práxis psicanalítica na escuta das toxicomanias, da obesidade em seu caráter “mórbido” e noutras experiências contemporâneas de sofrimento, que aparece como homólogo à relação do sujeito com a mercadoria no consumismo? Podemos concluir esta lógica para os demais sintomas? Não entraremos na particularidade de cada sintoma, todavia, seguiremos a reflexão sobre a relação entre a hipermodernidade e os efeitos psíquicos que muitas vezes aparecem como sofrimentos de diferentes ordens. Um deles é comumente reconhecido como a prevalência da inibição em detrimento do sintoma e da angústia. Levamos em conta a tríade freudiana relida por Lacan (1974-75), que situa, além da nomeação do imaginário pela inibição, as nomeações do simbólico pelo sintoma, de um lado, e do real pela angústia, de outro.

É comum nos referirmos ao sujeito da hipermodernidade como um sujeito desinibido, entretanto, a desinibição não está neste âmbito relacionada ao negativo da inibição, mas a uma espécie de abatimento do supereu localizado no âmbito privado, permitindo que o gozo seja

compartilhado publicamente. O que observamos na internet ilustra essa aparência do gozo, onde há todas as formas de exibições e compartilhamentos (Machado, s/d).

A angústia, nestes termos, é outra forma de sofrimento predominante atualmente. Conforme vemos nos chamados “ataques de pânico” e nos “Distúrbios da ansiedade” (formas de sofrimento elementares que procedem da angústia), há uma espécie de junção entre o sujeito e o Outro. Entendemos este fenômeno ao retomarmos o lugar que Lacan (1962-1963/2005) dispõe a respeito da angústia, a saber, entre o desejo e o gozo; espaço apagado em nossos tempos. Com efeito, há o sujeito em sua identificação com o objeto, em um entrecruzamento sufocante.

Uma das maneiras de pensar os ditos “novos sintomas” é, por conseguinte, pela manifestação da angústia. O campo do Outro de nosso tempo não é aquele que passa por uma renúncia pulsional, ele se constitui por um afrouxamento das barreiras do gozo. Não se trata de um Outro opaco que produz enigma e laço, sujeito à interpretação. Em outras palavras, enquanto há no campo dos ideais o significante Nome-do-Pai como referência e possibilidade de interpretação ao desejo materno, em nossos tempos há uma impossibilidade de significar o que vem do Outro.

Observemos que alguns autores apontam a articulação direta entre o sofrimento presente na contemporaneidade com o discurso capitalista e científico. De forma ampliada, Brousse (2003, p. 27) afirma que “O totalitarismo, por exemplo, produz sintomas, que são facetas do que chamamos de “subjetividade de nosso tempo”. Em ressonância com Brousse, encontramos também Recalcati (2001, p. 31), ao afirmar que “o aumento na frequência dos casos de anorexia nervosa, em nossos dias, corresponderia a um determinado efeito totalitário do discurso científico ou do discurso capitalista”. Tomando por base essas teorizações, questionamos se os sintomas mencionados não seriam também consequências, talvez cada um a seu modo, desses discursos e da fusão de um no outro. Em outras palavras, seria o discurso científico enlaçado ao discurso do capitalista o denominador comum do que podemos considerar como sintomas contemporâneos?

De forma resumida, vimos que há na clínica dos tempos hipermodernos uma prevalência ao ilimitado estabelecido pelo discurso da ciência e alimentado pelo discurso do capitalista que forja um sujeito que crê em uma felicidade completamente determinada, pautada por uma lógica em que se acredita possível tudo comprar, ao estarmos situados em tempos de mercado sem barreiras.

Os efeitos da ausência dessas barreiras se encontram igualmente nos sujeitos não mais divididos, nos “sujeitos desbussolados” que dão testemunhos dos traços marcantes daquilo que se apresenta no contemporâneo (Miller, 2004). O objeto de desejo correspondendo muitas vezes ao objeto de consumo, *gadgets* de todo tipo, abrangendo aqueles que se imprimem e forjam o corpo por intermédio do aval da medicina. Podemos dizer, então, que há um hegemônico deslocamento do objeto de desejo para o objeto de consumo?

Esta questão é pertinente, pois, o tipo de demanda que demarca o mundo contemporâneo não é aquele de objetos situados no campo dos ideais, é por outro lado o objeto de consumo facilmente descartável (Vieira, 2004). Nisto percebemos que há um sinal ainda mais imperativo do capital e daquilo que ele pode distorcer, na lógica capitalista ascendente ao zênite social: o ideal perde valor em relação ao objeto *gadget* (Lacan, 1969-1970/1992). Miller (2004) chama atenção para esta frase de Lacan (1969-1970/1992) em que ele assinala o objeto *a* como a bússola da civilização hipermoderna, propondo o seguinte matema como o discurso desta civilização:

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

A hipótese de Miller (2004) é de que desde a antiguidade prevaleceu o Discurso do Mestre como hegemonia social, no entanto, sob outras interpretações, no que se refere ao discurso da civilização atual, conferimos a ele a mesma escrita do Discurso do Analista. Considerando que a escrita do matema se configura da mesma forma, destacamos ao objeto a àquilo que Lacan (1969-1970/1992) definiu como outra dimensão do objeto causa de desejo, a falta a gozar. Isto quer dizer que é o mais-de-gozar quem comanda o sujeito, evidenciando a proposição de Lacan de que a relação sexual não existe. Foi neste viés que Miller (2004) pôde conceber a Hipermodernidade como a ditadura do mais-de-gozar.

É importante situar que encontramos hipóteses que circundam esta mesma esfera proposta por Miller em outros autores, nos quais podemos recortar Charles Melman (2000), Marie-Hélène Brousse (2003), Quinet (2006), Aurélio Souza (2008) e Braunstein (2010). O primeiro, Charles Melman (2000), através da experiência clínica teoriza a dominância do sintoma social (em relação às toxicomanias, aos alcoolismos e às delinquências) explicitada em seu livro “Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar”. O psicanalista defende um tipo de discurso onde o que é posto em posição de comando é o objeto a , com uma escrita semelhante àquela do discurso do analista, em que, como ele escreve, se faz um “mau uso desse discurso”.

Já Marie-Hélène Brousse (2003) em sua conferência intitulada “A psicanálise no tempo dos ‘mercados comuns e dos processos de segregação””, afirma que a segregação é a nova solução concedida ao gozo. A psicanalista propõe um matema discursivo que possui a globalização e sua relação com a economia no comando, ou seja, a globalização, o que Lacan (2008a) denominou de “mercados comuns”, como S1, tendo no S2 o procedimento regulando as condutas econômicas, os campos de concentração no lugar da produção e a rede no lugar da verdade.

Quinet (2006) na obra “Psicose e laço social” reescreve o discurso capitalista colocando o capital no lugar da verdade, tendo como agente o consumidor que se dirige à ciência, produzindo *gadgets*. Souza (2008), por sua vez, no livro “Os discursos na psicanálise”, sugere um discurso chamado de “a viciado”, este tem como lugar de dominância o objeto a . E por fim, Braunstein (2010) no artigo “O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?”, aventou o que ele nomeia de “discurso do mercado”, que possui também como resultado a mesma escrita do discurso do analista.

Nesta breve pesquisa, constatamos, mesmo com interpretações e análises que possam variar, ao menos três autores (Melman, 2000; Miller, 2004; Braunstein, 2010) que aproximam a escrita do discurso da hipermodernidade à do discurso do analista. Diante destas aproximações perguntamos: como então operar neste novo contexto histórico? Quais os horizontes de tratamento frente a estas “novas” [produções de] subjetividades?

É importante que possamos reconhecer duas lógicas de relação do sujeito com o objeto. A psicanálise nos ensina que os destinos da pulsão são determinados pelo objeto, o objeto a . Na hipermodernidade, por sua vez, reconhecemos que esse é também o objeto que desgoverna a pulsão, porém, produzindo-se de um outro modo, provocando a anulação do sujeito do inconsciente.

Por fim, consideramos duas acepções fundamentais como potenciais caminhos que não se dispensam mutuamente. A primeira, por meio de Recalcati (2004), recoloca uma nova questão preliminar a partir de Lacan. Esta concede lugar para fazer existir o sujeito do inconsciente novamente, outrora anulado na condição de nossa época. Em suma, um tempo

incluído nas Entrevistas Preliminares, ou até mesmo anterior a elas, que permita uma recolocação subjetiva aberta ao espaço entre o sujeito e o objeto.

Com a segunda acepção, indicamos o deslocamento da clínica lacaniana localizada na década de 1950 para aquela situada a partir da década de 1970. Da primeira que tem como paradigma o aforisma “o inconsciente estruturado como uma linguagem”, para a segunda que se traduz por meio de “a relação sexual não existe”. Esta clínica, não mais pautada unicamente pela referência ao Nome-do-Pai enquanto única possibilidade de enodamento, serve como uma possibilidade de conceber o seu último ensino: consentindo que “[...] todo mundo é louco, ou seja, delirante” (1978/2010, p. 35) – outro axioma lacaniano.

Assim sendo, há uma forclusão para todos, não a referente a do Nome-do-Pai, mas ao real, ou melhor, a como todos são tomados por ele. Logo, é preciso que, no um a um, construa-se a sua própria bricolagem (Klajnman, 2018). O *sinthoma* (*sinthome*), elaboração conceitual de Lacan (1975-76/2007), é compreendido como uma forma de compensação da carência do campo do pai. É, portanto, uma das saídas para articular o psiquismo do sujeito, por outro recurso que não o do complexo de Édipo, a um saber-fazer (*savoir-faire*) numa análise, operado pelo desejo do analista, ao rejeitar a via padronizada e possibilitar que a psicanálise se reatualize na clínica exigida pelos impasses da hipermodernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos nas reflexões de Freud e Lacan o reconhecimento dos efeitos da organização social, referente às suas respectivas temporalidades históricas, na realidade psíquica (Basoli, 2018). Freud (1930/1996b) designa na cultura de sua sociedade as fontes do sofrimento humano. Lacan (1972/1978) anuncia com o discurso do capitalista a inflexão do mestre moderno, o apogeu da ciência e a consumação de uma discursividade em que o sujeito está colado no objeto. Outrossim, concordamos com o último em sua recomendação de que o analista precisa alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época (Lacan, 1953/1998b). Do contrário, como conseguiremos escutar as singularidades dos diversos estilos dos sujeitos de se relacionarem com o gozo e o desejo? Como pensaremos a direção de tratamento na clínica contemporânea, sem admitir que a vida humana não é alheia aos efeitos danosos do sistema social e econômico em que estamos inseridos? E, o que pode a Psicanálise frente às diferentes maneiras de o sintoma se expressar em cada período histórico seu?

Por fim, entendemos que é devida uma investigação mais aprofundada sobre a noção de Hipermodernidade e a apropriação que a Psicanálise pode fazer deste termo. Nos mesmos termos, objetivamos com as ulteriores pesquisas bibliográficas estudar as possibilidades de direção de tratamento da clínica psicanalítica lacaniana quando na atenção às demandas contemporâneas de análise.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2001). *Homo Sacer*. Stanford, Stanford University Press.
- Agamben, G. (2009). O que é um dispositivo? (Vinícius Nicastro Honesko, trad.). In: Agamben, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (pp. 25-54). Chapecó, SC: Argos.
- Agamben. (2004). *Estado de exceção*. (Iraci D. Poletti, trad.). São Paulo: Boitempo.
- Agamben. (2010). *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. (Henrique Burigo, trad.). Belo Horizonte: UFMG.
- Alberti, S.; Elia, L. (2008). Psicanálise e ciência: o encontro dos discursos. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, 8(3), 779-802.

Basoli, L. P. (2018). *Figuras da clínica psi na atualidade: algumas à Saúde Mental Coletiva*. Bolsista CAPES. Duração: março de 2016 a setembro de 2018. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP. Bolsista CAPES. Defesa em 14/09/2018. Recuperado de <<http://hdl.handle.net/11449/158274>>.

Bauman, Z. (1998). *Modernidade Líquida*. Plínio Dentzien, trad. Rio de Janeiro: Zahar.

Braunstein, N. A. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2(1), 143-165. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12079/8752>. Acesso em: 05 de agosto de 2021

Brousse, M-H. (2003). *“O inconsciente é a política”*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

Costa-Rosa, A. (2014). *Narcisismo e hipermodernidade: o corpo em evidência no culto da imagem bela e nas práticas auto-supliciantes de conjuração da angústia do corpo real*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Assis. (Trabalho não publicado).

Freud, S. (1996a). Totem e Tabu. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 11-125). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913 [1912-13])

Freud, S. (1996b). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])

Freud, S. (1996c). Os caminhos da formação dos sintomas. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 16, pp. 419-440). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996d). Inibições, sintomas e ansiedade. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp. 81-174). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (1996e). A interpretação de sonhos. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 5, pp. 361-751). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1996f). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas*. (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 167-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (Maria Rita Salzano Moraes, trad., pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921).

Gomez, V. A.; Chatelard, D. S. (2020). A prática psicanalítica frente ao sujeito contemporâneo: reflexões a partir da clínica-escola. *Revista Subjetividades*, 20(Especial 2): e8985, 1-9. Recuperado de <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e8985/pdf>.

Kallas, M. B. L. M. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, 38(71), pp. 55-64. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a06.pdf>.

Lacan, J. (1998). “Conferência em Genebra sobre o sintoma”. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, J. (1974-1975). *Le séminaire, livre XXII*: RSI. (Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas). Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975>, 288. (Trabalho original publicado em 1974-1975)

Lacan, J. (1975). Réponse à une question de Marcel Ritter. *Lettres de l'Ecole Freudienne*. Journées des cartels, n. 18, 7-12. Recuperado de <http://www.psicoanalisis.org/lacan/reponse.htm>. (Trabalho original publicado em 1975)

Lacan, J. (1978). Conferência de Jacques Lacan em Milão. (Sandra Regina Felgueiras, trad.) In: *Lacan in Italia 1953-1978*. Milão: La Salamandra, pp. 58-77. (Trabalho original publicado em 1972)

Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (Ari Roitman, trad.; Antonio Quinet, consultor). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1998a). A ciência e a verdade (pp. 869-892). (Vera Ribeiro, trad.). In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (pp. 238-324). In: Lacan, J. *Escritos*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)

Lacan, J. (2003a). Radiofonia (pp. 400-447). (Vera Ribeiro, trad.). In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)

Lacan, J. (2003b). Televisão (pp. 508-543). (Vera Ribeiro, trad.). In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (2003c). O aturdido (pp. 448-497). (Vera Ribeiro, trad.). In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)

Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. (Sérgio Laia, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

Lacan, J. (2008a). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)

Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. (M. D. Magno, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (2010). Transferência para Saint Denis? Diário de Ornicar? Lacan a favor de Vincennes! (pp. 31-32). In: *Correio*, n. 65. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. (Trabalho original publicado em 1978).

Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.

Machado, O. (s/d). A Clínica do sinthoma e o sujeito contemporâneo. *Asephallus*, Rio de Janeiro, (1). Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_01/artigo_08port_edicao01.htm.

Miller, J. –A. (2004). Conferência de Jacques-Alain Miller em Comandatuba. *IV Congresso-AMP – Comandatuba*. Recuperado de <http://2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>.

Marx, K. (2013). *O processo de produção do capital* (pp. 305). (Rubens Enderle, trad.). São Paulo: Boitempo. (O capital: crítica da economia política, 1). (Trabalho original publicado em 1890).

Melman, C. (2000). *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. (Rosane Pereira, trad.) São Paulo: Escuta.

Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Zahar.

Recalcati, M. (2004). A questão preliminar na época do Outro que não existe. *Latusa Digital*, 1(7), 1-12. Recuperado de http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_7_a2.pdf.

Santos, L. (2019). A psicanálise no mundo contemporâneo. *Reverso*, Belo Horizonte, 41(77), 65-74. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n77/v41n77a08.pdf>.

Souza, A. (2008). *Os discursos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

Vieira, M. A. (2004). A (hiper)modernidade lacaniana. *Latusa*, Rio de Janeiro, (9), 69-82. Recuperado de http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/a_hipermodernidade_lacaniana_pdf_1.pdf.

Citação/Citation: Klajnman, D. L.; Costa, M. (2022) A hipermodernidade como paroxismo da modernidade: Algumas considerações sobre o sofrimento psíquico a partir da psicanálise. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 1.), pp. 29-42.